



BRAZIL — A SERRA DOS ORGÃOS.

A região mais montanhosa do vasto imperio do Brazil é situada entre 18 e 28^o de latitude austral. Todavia, segundo os recentes trabalhos de Humboldt e outros sabios, o systema de montanhas da famosa terra de Santa Cruz nenhuma relação tem com o dos Andes do Perú.

A direcção principal das cordilheiras brasilicas é do sul para o norte, e do sueste para o noroeste. A mais pittoresca, e aquella que tem sido mais explorada nas suas magestosas solidões, é a serra chamada do *Mar*, que elevando-se dos campos de Vaccaria se prolonga quasi parallelamente á costa noroeste do Rio de Janeiro, deprime-se junto do Rio Doce, e deixa de tornar-se notavel proximo á Bahia.

Não se pense porém que a serra do Mar conserva invariavelmente esta denominação; pelo contrario, segundo os territorios que atravessa assim vae adoptando nomes diversos, dos quaes a maxima parte lhe foram postos pelos primeiros descobridores. Na costa oriental chamam-lhe *Serra dos Amores*, e nas proximidades do Rio *Serra dos Orgãos*; e realmente n'este ponto ostenta ao viajante maravilhado as bem conhecidas formas dos tubos d'aquelle conhecido instrumento.

A este da cordilheira do littoral corre outra até certo ponto mais consideravel, a serra do Espinhaço, que vae terminar ao norte em 16^o latitude.

Outras serranias consideraveis podem apontar se,

como por exemplo a das *Canastras*, a dos *Vertentes*, a que alguns viajantes chamaram Pyreneos brasileiros. Entretanto estas montanhas, nem pela sua altura, nem por outras circumstancias, podem figurar a par da immensa cordilheira dos Andes, e ainda outras da Asia e da Europa; pois que a mais elevada (do Espinhaço) não tem mais de 950 toezas.

O que lhes falta porém em magestade sobralhes em donaire, nas innumeraveis riquezas que se encerram no seu seio, e nas formas extravagantes e pittorescas que apresentam em varios pontos.

A nossa gravura representa um dos sitios mais deleitosos da serra dos Orgãos. Tudo quanto Flora e Pomona podem offerecer de peregrino se encontra n'aquelle abençoado torrão. Seria ridiculo querer resumir n'estas poucas linhas o que tem sido objecto das locubrações de muitos sabios distinctos, e constitue a materia de muitos volumes.

Por isso para elles remettemos o leitor; recomendando-lhes especialmente o bello trabalho de mr. Ferdinand Denis sobre o Brazil.

Na collecção d'este semanario encontram-se tambem, além de outros, quatro artigos excellentes, em que se acham optimamente compendiadas muitas noticias sobre o interessante imperio, que tantas circumstancias tornam caro aos portuguezes. Veja-se a pag. 153, 177 e 241 do 4.^o volume da primeira e pagina 9 do 1.^o volume da presente serie.

Os IMPERIOS BYSANTINO E OTTOMANO.

XXII.

Deposição de Selim III: abolição de todas as suas reformas: efeitos d'esta medida: discordiãs civis: revolução contra Mustaphá IV, deposição d'este soberano e morte de Selim III: Mahmoud II: o grão-vizir Bairakdar: revolução contra este ministro, sua morte, e a de Mustaphá IV: prosegue a guerra com a Russia: diligencias da França para fazer entrar o sultão na liga contra a Inglaterra.

O PARTIDO anti-reformista, que não tinha cessado de machinar contra as innovações e innovadores, aproveitou-se d'aquella occasião para excitar novamente o ciúme dos janisaros e mais corpos contra a milicia do *nizam djedid*.

Os primeiros gritos sediciosos foram levantados contra esta milicia, mas não tardaram a romper contra todos os ministros, que haviam aconselhado, ou tomado a responsabilidade das reformas postas em pratica. A revolução teve em pouco tempo extraordinario desenvolvimento. A capital apresentou durante tres dias horriveis scenas de anarchia. Os ministros e muitas pessoas notaveis do partido do novo systema, foram assassinados e arrastados pelas ruas como em triumpho.

O sultão viu-se a este tempo abandonado de todo o conselho fiel, pois que já não tinha em torno de si senão inimigos, que, occultando-se sob a mascara hypócrita da dedicação, cuidavam só de o atraiçoar e perder. Persuadindo-o a que a revolta acabaria satisfazendo-lhe todas as exigencias, levaram-o a decretar a suppressão dos corpos do *nizam*. Foi exactamente desde esse momento que a rebellião voltou as suas armas contra o throno. Os quartéis, que se tinham feito em Constantinopla expressamente para aquella milicia, foram invadidos pela multidão, que os roubou e destruiu. Em seguida pediram os janisaros a deposição do soberano, e conseguiram-a.

Selim III reinou dezoito annos, e n'este espaço todos os seus actos foram sempre dirigidos, mais ou menos directamente, segundo as circumstancias o permitiam, pelo ardente desejo de collocar o imperio ottomano a par das nações mais civilizadas. Victima do seu amor da patria e das suas idéas illustradas, para as quaes todavia não se achava preparado o povo musulmano, este principe deixou um glorioso padrão do seu nome n'esse generoso esforço com que, apesar de tão grandes opposições, tentou encaminhar o imperio pela estrada da civilisação. As suas reformas, condemnadas pelo fanatismo e por muitos interesses sordidos, que ellas feriam mortalmente, foram banidas como o seu illustre auctor; mas entretanto não foi totalmente perdido para a Turquia esse impulso civilizador. Os costumes adoçaram-se singularmente pelas muitas praticas de humanidade e justiça do sultão; e essas proprias idéas, que o despopularisaram e comprometteram, deixaram raizes, mau grado de tantos elementos contrarios a todo o progresso, raizes que não tardaram muito a rebentar e fructificar.

Dous dias depois da deposição de Selim III, Mustaphá IV, filho do sultão Abdul Hamid, foi conduzido á mesquita d'Eyoub, e ali cingiu, cercado de toda a sua corte, o alfange d'Osman.

De uma intelligencia mui limitada, e sem os dotes necessarios ao chefe de uma nação, este principe deixava-se facilmente dominar, entregando aos

seus conselheiros toda a gerencia dos negocios publicos. Assim pois o primeiro cuidado dos ministros foi declarar ao paiz que o novo soberano abolia as instituições do seu predecessor, e tornava a pôr em vigor todos os antigos usos e legislação.

Com esta segurança começou pouco a pouco a restabelecer-se a ordem na capital. Não aconteceu porém o mesmo nas provincias, onde os successos de Constantinopla tiveram diverso acolhimento, de que resultaram muitos conflictos. No exercito do Danubio tambem produziu bastante sensação. Selim III contava entre os commandantes dos corpos d'esse exercito muitos amigos dedicados, os quaes mostraram tão manifestamente o seu desgosto e má vontade contra a nova ordem de cousas, que o governo viu-se na precisão de os substituir por outros da sua confiança.

De tudo isto resultou paralisarem as operações de guerra, e perder por conseguinte a Turquia o melhor ensejo possivel para se desaffrontar dos seus implacaveis inimigos, pois que as victorias successivas de Napoleão tinham obrigado o gabinete de S. Petersburgo a distrahir muitas forças do theatro da guerra do Danubio para se oppôr aos progressos das aguias francezas. Depois veio o tratado de Tilsitt, concluido entre a França, a Russia, e a Prussia, interromper por algum tempo a campanha dos principados.

Pouco se gosou o imperio ottomano d'estas trevas momentaneas, por quanto logo começaram a apparecer as divisões entre o partido triumphante, e no proprio seio do gabinete. Os principaes chefes da revolução, que elevou ao throno Mustaphá IV, tendo repartido o poder entre si, romperam depois em lucta uns contra os outros, excitados pela ambição. Primeiramente guerrearam-se por meio da intriga, e mais tarde com as armas na mão. Serenaram-se os animos a final, mas essa discordia deixou o germen de mais graves desordens.

O gabinete ottomano, aproveitando-se de um momento de tranquillidade, tentou dispôr os servios a entrarem amigavelmente na obediencia do sultão; instigados porém pela Russia rejeitaram todas as propostas do grão-senhor, e apromptaram-se para defender a sua independencia. O sultão preparou-se tambem para os reduzir pela força. Mas antes que principiassem as hostilidades, tiveram logar acontecimentos, que deram novo curso ás cousas publicas.

Mustaphá Bayrakdar, pachá de Roustchouk, emprehendeu por este tempo restituir o throno a Selim III. Este homem, de caracter energico e de singular intrepidez, valendo-se da influencia, que exercia, no districto do seu governo, e das íntimas relações que tinha na capital com alguns membros do gabinete, desejosos de supplantar outros seus collegas, que se haviam apoderado completamente das re-deas do estado, dispoz tudo de modo que se apresentou com dezeseis mil homens ás portas de Constantinopla, sem que saísse força alguma a embargar-lhe o passo. O ousado chefe d'esta revolta tinha feito acreditar ao sultão, que a sua marcha sobre a capital só tinha por fim derrubar ministros despoticos e impopulares. Mas quando Mustaphá IV se lisonjeava de se ver livre d'esses homens, que o tinham sentado no throno para lhe usurparem todas as attribuições, viu com assombro Bairakdar invadir os pateos do serralho á frente das suas tropas, escalando os muros, arrombando as portas, e acclamando Selim III. Então Mustaphá, ou por vingança, ou para desarmar a rebellião, ordenou immediatamente a morte do seu rival. Aquelle desditoso principe foi sem perda de tempo assassinado, e o seu corpo foi

arremeçado das janellas abaixo no momento em que os revoltosos, pedindo em altos gritos o seu antigo soberano, faziam pedaços a ultima porta que defendia o interior do palacio. Esta scena tragica excitou nos sublevados a maior desesperação, e deu causa a cruentas represalias. Mustaphá IV, obtendo a custo a vida, foi encerrado no carcere, que Selim III occupou pelo espaço de um anno, que tanto durou o reinado do seu competidor.

Bairakdar, já senhor de todo o palacio, procurava debalde o joven Mahmoud, irmão de Mustaphá IV, para o conduzir ao throno. Tudo parecia confirmar a idéa de que um segundo crime roubára á nação o unico successor, que restava á herança d'Osman, quando o moço principe saiu do esconderijo, onde sem duvida se subtrahiu a uma morte certa (28 de julho de 1808).

Foi esta a primeira vez que uma força de provincia veiu dictar as leis á capital, e a primeira tambem em que se completou uma revolução contra a vontade e poder dos janisaros.

Mahmoud II contava 23 annos, quando se viu á frente de uma nação rica de glorias passadas, ainda grande pela extensão do seu territorio, tambem ainda poderosa pela situação geographica de muitas partes do seu solo, e pela abundancia de recursos ainda não explorados; mas enfraquecida physica e moralmente por uma serie infinita de revezes nas guerras com os estranhos, e de desgraças de todo o genero nas suas luctas fraticidas; e, peor do que tudo, impossibilitada de se regenerar de tantos abusos que a corroiam, e de tantas influencias maleficas, que impediam todo o progresso, e que obstavam a que tirasse força e vida dos seus proprios recursos naturaes.

Mahmoud II teve uma educação esmerada, como talvez nunca principe ottomano a tivera. Sua mãe, oriunda de França, inclinou-lhe o animo desde os mais tenros annos em favor da civilização europea, e soube inspirar-lhe idéas elevadas, que desenvolveram as suas faculdades intellectuaes a par de mui distinctas qualidades d'alma.

Selim III, que se comprazia vendo as felizes disposições do joven principe, cujo interesse augmentava pelo contraste com as de seu irmão mais velho, o principe Mustaphá, cuidou com disvelo de lhe cultivar o espirito. E quando o infortunio o arremeçou do solio para o carcere valeu-se das importantes lições, que havia colhido em longa e amarga experiencia, para instruir o seu educando, que ali ia a miudo levar-lhe consolações e buscar conselho. D'esta arte se innocularam em Mahmoud II as idéas reformadoras de Selim III. Todavia, apesar dos seus talentos e da energia do seu character, este soberano achou-se collocado, logo ao empunhar do sceptro, n'uma posição na realidade secundaria, pois que o poder fôra inteiramente empolgado por Bairakdar.

Este homem, que em seguida á exaltação de Mahmoud II se fizera nomear grão-vizir, crendo-se senhor da situação pela victoria, que alcançara, e pelas forças que o apoiavam, dirigia a politica e dispunha de tudo a seu bel prazer. O seu character duro levou-o a ordenar tão crescido numero de execuções para vingar a morte de Selim III, que, convertendo a justiça em perseguição systematica, provocou em todo o paiz geral descontentamento. A imprudencia e precipitação com que pretendeu restabelecer as reformas d'aquelle soberano, e outras muitas que iam de encontro aos habitos nacionaes e aos prejuizos populares, excitaram contra o grão-vizir tão forte animadversão, que o povo da capital, unido aos janisaros, lançou mão das armas e do incen-

dio para derrubar o ministro, que assim affrontava inconsideradamente as crenças e a vontade de uma nação inteira.

Esta revolução deu a Constantinopla as mais horrosas scenas de anarchia que esta capital tem presenciado. Ao mesmo tempo que o palacio de Mustaphá Bairakdar e as casas visinhas eram prezadas chammas, as tropas albanezas, que este ministro trouxera para a cidade, e que constituíam o seu unico ponto de apoio, eram accommettidas em toda a parte onde se encontravam, pois que o ataque as tomou desapercibidas. Os seus quartéis e todas as casas, onde procuraram refugio, foram incendiadas.

Entretanto o kapoudan-pachá (almirante) e outras auctoridades dispunham uma vigorosa resistencia contra os rebeldes. O fogo de varias naus e de outras embarcações de guerra, collocadas para este fim convenientemente, auxiliado pelos movimentos concertados de alguns corpos de marinheiros, e de diversas forças chamadas á pressa, desconcertaram os revoltosos, que já dirigiam o ataque contra o serralho. Mas n'estas circumstancias o fogo correndo livre de casa em casa, tinha tomado taes proporções, que o sultão, vendo a cidade ameaçada de ser reduzida a cinzas, mandou parar com as hostilidades, a fim de que só se cuidasse de atalhar os progressos do incendio. Esta medida porém, reclamada pela humanidade e por tantos interesses publicos, deu novo incremento á revolução. Os janisaros, considerando-a como uma prova de fraqueza, cercaram o serralho e acclamaram Mustaphá IV.

Então Mahmoud II, que até ali resistira nobremente a todos os conselhos e instancias, que lhe foram feitas durante o desenvolvimento da revolta, para mandar matar seu irmão, deu finalmente a fatal ordem. O corpo sem vida do ex-sultão foi exposto aos janisaros, e este triste espectáculo produziu o desejado effeito. Bairakdar tinha morrido no seu palacio asphyxiado pelo fumo. Os seus inimigos já não tinham pois que recear da sua audacia e crueza. Por outro lado a morte de Mustaphá IV deixava Mahmoud II por unico descendente d'Osman, e por conseguinte sem rival na successão do throno. Estes dous successos simultaneos tiraram á rebellião todo o character de gravidade, que ultimamente ía assumindo. Desde esse momento restringiu-se a lucta á satisfação de vingança entre os dous partidos. A anarchia continuou ainda, mas a questão politica estava acabada.

Foi n'estas circumstancias difficeis, que se estrearam a prudencia e capacidade de Mahmoud II. Procurando tirar o melhor partido das posições especiaes em que se achavam os dous bandos, um aterrado e enfraquecido pela falta do chefe, o outro sujeito sem recurso á obediencia do soberano; e usando alternadamente da brandura e da severidade, conseguiu fazer entrar tudo na ordem, e, o que mais admiravel é, conciliou inimigos fogaes, e serenou completamente os animos, que tão alvoroçados andavam desde a deposição de Selim III.

Restabelecido o socego publico poude Mahmoud II applicar a sua attenção aos negocios exteriores. A guerra com a Russia, interrompida momentaneamente, tinha-se renovado com bastantes desvantagens para a Turquia. Por conseguinte depois de tantas commoções intestinas a paz era uma grande necessidade.

Convinha muito ás vistas politicas do gabinete de S. Petersburgo a continuação da campanha, attento o estado precario em que se achava o imperio ottomano: mas por outro lado não deixava de desejar a paz como um meio de estorvar mais facilmente a

reconciliação da Turquia com a Inglaterra, cujos interesses eram então oppostos aos da Russia.

Assim, desejando ambas as partes belligerantes chegar a um acôrdo, foi destinada Jassy, capital da Moldavia, para a reunião dos respectivos plenipotenciarios. A noticia porém de que acabava de celebrar-se um tratado de paz entre a Grã-Bretanha e a Porta (5 de janeiro de 1809), acabou promptamente com as conferencias, e a guerra foi declarada de novo por parte da Russia.

Abriu-se a campanha com muito vigor de ambos os lados. Mahmoud II não poupou esforços nem fadigas para organizar uma resistencia tenaz. E com effeito, apesar dos immensos recursos de que dispunha a Russia, e do auxilio que lhe prestaram os servios aggreindo ao mesmo tempo as tropas musulmanas, os exercitos moscovitas ou alcançavam poucas vantagens, ou compravam caro as victorias.

N'isto teve logar a batalha de Wagram, ganha pelas armas francezas junto aos muros de Vienna, á qual se seguiu um tratado de paz entre a Austria e a França. O ministro francez em Constantinopla, fazendo valer aos olhos do sultão este assignalado triumpho, que já de per si exercêra bastante influencia no divan, movendo muitos animos em favor de uma alliança com Napoleão, tentou resolver Mahmoud II a romper com a Inglaterra, e a entrar n'essa grande liga chamada systema continental. Para se conseguir este fim, ou, pelo menos, para appanar as difficuldades, era mister pôr termo á guerra que assolava os principados danubianos. Entabularam-se portanto as negociações, e o governo francez empregou todos os meios ao seu alcance para trazer as potencias contendoras a um ajuste pacifico. Mas as exigencias russianas eram de natureza, que não deixavam conceber esperanças pela paz. Por conseguinte, depois de frustradas todas as diligencias, começou de novo a guerra.

Na campanha de 1810 não foram tão efficazes os esforços dos turcos. Debalde enviou o sultão consideraveis reforços para os exercitos d'operações, e em vão substituiu o octogenario grão-vizir Zia-Koucouf pachá por Achmet pachá, general mais vigoroso e resolutivo. As tropas ottomanas experimentaram tão continuados revezes, caíram successivamente tantas praças e cidades em poder do inimigo, que o sultão decidiu collocar-se á frente de seus exercitos.

Todavia esta nobre resolução, altamente exigida pelo bem do paiz, suscitou tamanha desconfiança nos janisaros e em todos os adversarios das reformas, que se levantaram instantaneamente intrigas e difficuldades, que obrigaram o grão-senhor a desistir do seu empenho.

Mahmoud II, reconhecendo a inopportunidade da occasião para introduzir innovações no imperio, tinha tratado até ali prudentemente de occultar os seus sentimentos a semelhante respeito. Entretanto os musulmanos afferrados ás velhas praticas não o julgavam do seu lado, e por isso temeram que indo tomar o commando do exercito se servisse depois da influencia, que este passo lhe havia de dar sobre a força publica, para operar as reformas que elles tanto odiavam.

O inverno, pondo termo á campanha de 1810, deixou os russos acampados na Moldavia, na Valaquia e na Bessarabia, com fortes guarnições em algumas praças da margem direita do Danubio.

(Continúa).

I. DE VILHENA BARBOSA.



PALACIO DE RECREIO.

O PALACIO de recreio, (*villa*) que a gravura representa, é um d'esses bellos edificios que aformoseam as campinas italianas, e cuja magnificencia e commodidades só podem comparar-se com o bom gosto da sua construcção, e as riquezas verdadeiramente artisticas, que encerram.

Nos arrabaldes de Roma, de Napoles, de Florença e de Milão encontra o viajante a cada passo luxuosas residencias, nas quaes não se sabe que mais deva admirar-se, se a franca hospitalidade que ali se depara, se os thesouros architectonicos que offerecem á vista. Cascatas, fontes, lagos, jardins, gallerias de grandes quadros, gabinetes de estudo, estatuas collossaes, tudo quanto encerra em seu seio uma grande cidade, tudo quanto pode maravilhar a imaginação, acha-se nos palacios de recreio, ou sumptuosas *villas* da Italia.

Outras nações, a França por exemplo, contam algumas residencias notaveis, proximas das grandes povoações. A Inglaterra conserva ainda bastantes dos seus antigos castellos; porém, fallando genericamente, nenhum d'elles iguala os que temos mencionado, no conjunto de diversões que proporcionam. Nas *villas* dos arredores de Paris, Londres, e Berlim podem passar-se quinze dias sem aborrecimento; nas da Italia voam os annos no meio de prazeres sem fim.

D. SEBASTIÃO O DESEJADO.

LENDA NACIONAL.

ESTA lenda, que o auctor não duvidaria classificar como romance historico, appareceu já nas columnas

da *Revista Universal*, em 1844, precedida de um lisonjeiro parecer do redactor d'aquelle jornal, o sr. A. F. de Castilho: o distincto poeta quiz animar o escriptor que, ainda no verdor dos annos, entregava pela primeira vez á critica, por via da imprensa, um trabalho litterario firmado com o seu obscuro nome; porém aquelle elogio só pode attribuir-se á generosa intenção que fica apontada. Agora que decorreram os annos de reflexão aconselhados por Horacio, tratou o auctor de corrigir cuidadosamente este seu pobre ensaio na carreira das letras; e sem que o amor proprio o cegue a ponto de suppor que rematou uma obra de subido valor artistico, vem de novo expor á vista do publico o seu edificiosinho reconstruido. Deus permitta que, julgando melhora-lo, não lhe augmentasse os defeitos!

I.

... é um mysterio o modo por que D. Sebastião acabou, e provavelmente sel-o-ha para sempre.

A. HERCULANO.

A PROPHECIA.

O som das charamelas echôa na profundidade do valle: pagens e escudeiros ordenam em longa fileira os briosos cavallos, que escarvam a terra com impaciencia, e remordem os polidos freios, aguardando em ocio a chegada dos cavalleiros, que lá vem descendo a ingreme e pedregosa encosta da serra de Cintra. Luzida é a companhia que se avizinha, trajando custosas galas de senhores; e o reboliço que vae na baixa da serra mostra bem a importancia dos personagens que para ahi dirigem os passos.

— «Lá pararam fora do trilho, sr. Braz Fagundes; talvez que vão descansar.»

— «É provavel que não desçam tão depressa. El-rei folga muito de correr por esses rochedos escavados, em que a cada passo se encontra um precipicio; muito se ageitam estas fragas com seu natural aspero e merencorio.»

Assim travaram conversação um pagem imberbe e um velho escudeiro, em quanto os cavalleiros se occultavam pelas quebradas da serra, e se perdia entre ellas o som dos instrumentos que os acompanhavam. O pagem tinha o rosto alvo e gracioso, longas madeixas de cabellos louros, e estava vestido com primor; o escudeiro, pelo contrario, apresentava rosto encovado e trigueiro, longos bigodes tão brancos como as melenas, veste em desalinho; e largo montante. O dialogo continuou assim:

— «Foram de certo para a gruta d'esse poeta infeliz, de cujos amores elevados tantas historias se contam,» disse o pagem.

— «De amores sabes tu contos, Ayres Tinoco; não assim de pelejas por essas frontarias africanas e praças do oriente; que mais inclinado és a alindar os cabellos que a polir uma armadura. Nem essa tua espada embonecada era para encontrar uma cimitarra mourisca; aonde iria ella parar!»

— «Que genio tendes, sr. escudeiro! Pois não é mais aprazivel uma brilhante festa da côrte, saraus, momos, canas e touros, do que essa vossa apregoa-da musica de cutiladas e pelouros, que é o passatempo de uma batalha?»

— «Ó Portugal! Portugal! Onde estão esses mancebos esperançosos do tempo do senhor D. Manuel, que passavam do berço ao campo das pelejas, para quem os combates eram um brinco de infancia!... Oh! como hão de elles apparecer, se o filho d'esse

bom rei (Deus o tenha em santa gloria!) entregando a descritos as nossas praças de Africa, ganhas á custa de tanto sangue christão, fechou as verdadeiras escolas de cavallaria á mocidade portugueza! Foi d'ali que saíram os conquistadores do oriente... mas que se te dá a ti d'isso, filho do valente Vasco Peres, que morreu a meu lado no baluarte Santiago, n'esse, para sempre memoravel, segundo cerco de Diu? que te importa isso, se as mais bellas donas da côrte admiram a elegancia do teu gibão, e morrem pelo ar senhoril do lindo pagem!»

E o velho corava de raiva e de vergonha, por que o futuro da sua patria tão querida se lhe antolhava, n'aquelle mancebo da nova geração, como um emblema de opprobrio. E o donzel corava tambem, sem saber porque, e abaixava os olhos confuso.

Houve um momento de silencio. Depois o velho escudeiro, não enxergando a comitiva real, mandou prender novamente os cavallos, e afastou-se do mancebo, com ar taciturno, e bailando-lhe nos olhos uma lagrima... pela patria! Ayres Tinoco ria com os outros pagens, e nem uma palavra lhe lembrava já do sermão do velho Fagundes.

Deixemol-os por agora; e subindo pelos trilhos da alcantilada serra, vamos indagar o motivo que interrompeu a marcha da luzida companhia.

Difficil é o passo por entre estas penedias, porém lá está quem procurámos. Vêde-os, que se encaminham para um homem, que, absorto em suas meditações, ainda não reparou que o buscavam. Era elle um velho, cujo rosto queimado pela angustia, mais ainda que pelo sol ardente dos climas abraçadores que percorrêra, mostrava quanto o desgosto e o soffrimento haviam contribuido para o encanecer antes de tempo; seu ar altivo, membros bem fornidos, e uma larga cicatriz aonde devêra avultar um dos olhos, o indiciavam como um d'esses guerreiros maltratados pela fortuna, para quem a morte não tem aspecto hediondo. Sentado n'uma bronca penedia, á entrada da gruta que escutou as saudosas endechas de Bernardim Ribeiro, encostava a cabeça a uma das mãos, e com a outra segurava um papel; seus olhos vagueavam por essas maravilhas, que a mão de Deus espalhou profusamente na decantada serra da Lua.

Admirava no pincaro da mais alta serra, suspenso como por milagre, o templo que a piedade e perseverança de Manuel o venturoso elevou entre as nuvens; e logo as ruinas do castello mourisco, que tão alto fabricaram mãos de homem, e os penedos descommunes disseminados por toda a encosta: sua imaginação poetica, dando vida a tudo que o cercava, apresentou-lhe realisada a antiga ficção grega: julgou ver n'aquellas ameias derrocadas a torre erguida pelos filhos da terra para escalar o céu, e nas pedras de emtorno as ossadas dos gigantes prostrados pelo raio omnipotente. Da contemplação d'este magestoso espectáculo, elle repousou a vista na deliciosa veiga de Collares... e que pasmosa differença; que reunião, em tão curto espaço, do suave clima dos tropicos e do intratavel solo polar! Mais longe, elle observou as vagas a enroscarem-se umas sobre outras, e a invadirem com surdo fragor as areias da praia, e depois, como hoste que sofre larga resistencia ante os muros de castello bem petrechado, recuarem murmurando para o seu primitivo posto; e mais distante ainda, aquelle horizonte infinito, e tantos baixéis sulcando os mares, que elle já cortára em dias mais felizes... uma saudade, uma lembrança de amor, porque o velho tambem amára e fôra amado, lhe fizeram rebentar

as lagrimas, e afastar a vista d'esta scena melancolica. Então enxergou a obra do filho do mais honrado dos paes, o mosteiro de rocha e de cortiça, e dizendo consigo mesmo: «Deus escuta ali melhor as orações dos fieis do que junto á ara sumptuosa,» abaixou a cabeça para pensar na eternidade.

Foi n'esse momento que os cavalleiros chegaram junto d'elle, despertando-o do lethargo com o som aspero das espadas roçando pelos penedos. Um joven se adiantava á frente da comitiva, a cuja vista o solitario se ergueu, depois dobrou um joelho, e beijou a mão que o mancebo lhe apresentava.

— «Não esperava encontrar-vos aqui, Luiz de Camões?»

— «Vim cumprir as vossas ordens, senhor; apresentar-me na corte, como me é determinado, para cobrar a tença de quinze mil réis annuaes, com que vos dignastes remunerar meus serviços.»

— «Mesquinha recompensa, na verdade, para um homem como vós, que immortalisou nossos navegadores e guerreiros; farei que seja augmentada: lembra-me vós, D. Christovão de Tavora, que os preparativos da jornada d'África tudo me fazem esquecer. Em quanto descanso um pouco á sombra d'este penhasco, fazei calar as charamelas, e ouçamos alguma canção do melhor trovador das Hespanhas.»

Depois, endereçando-se a um homem já de dias, que o seguía de perto: «Aproximae-vos, Diogo Bernardes, suave cantor do Lima,» continuou o mancebo; «vinde estreitar ao peito o vosso amigo.»

Os dous velhos se abraçaram com transporte; parece que adivinhavam estar para breve a sua eterna separação!

E D. Sebastião, rei de Portugal, que esse era o joven interlocutor d'esta scena (como nossos leitores já tinham percebido de certo) assentando-se na pedra d'onde se erguera Camões, continuou alegremente:

— «Eis-aqui, Luiz de Camões, quem ha de cantar nossos feitos, se Deus nos der a victoria; é Bernardes, que passa connosco á Africa, para presenciar esta nova entrada em terras de infieis, que, a exemplo de nossos avós D. João I e D. Affonso V, empreendemos para gloria de Deus, propagação da fé, e augmento de nossas fronteiras nos Algarves de além-mar.»

— «Difícil tarefa, senhor, para tão apoucado engenho como o meu» respondeu o bardo do Lima. «Eternisar os Achilles é tarefa propria de Homeros. Não a mim, mas a Camões, devêra V. A. commetter tão grave assumpto.» E dirigindo-se ao velho poeta-soldado, proseguiu: «Vem, amigo, acompanharnos aos areaes da Libia, vem cingir á frente novas corôas de louro e murta, n'uma mão a espada e n'outra a penna.»

O rubor do enthusiasmo assomou ás faces de Camões, ouvindo estas palavras que tão fundo echoavam em sua alma, porque a gloria ainda para elle não perdêra o encanto entre os desenganos da miseria: porém esse fulgor foi logo eclipsado por um gesto lugubre e sinistro, como raio do sol em céu nebuloso; e com accento prophético soltou estas palavras:

— «Não irei. Fico para chorar sobre as cinzas da patria, se em vez de louros encontrardes cyprestes n'essa plaga africana.»

— «Fé em Deus que não haveis de ter esse trabalho!»

— «Talvez porque me falte o alento para sobreviver á patria.»

— «Novos agouros!.. Embora; tenho animo para affrontal-os.» Isto disse o joven monarcha com

estranha inflexão de voz; depois volvendo ao tom ordinario, continuou assim:

— «Luiz de Camões, a idade vos tornou visionario! Porém vamos, lêde alguma cousa n'esse livro que tendes na mão, que para vos ouvir me assentei aqui.»

— «São velhas trovas, senhor, que já não tenho calor para rythmar; o frio precursor da morte alcançou-me tambem o engenho.»

— «Seja o que fôr; antigo ou moderno, tudo ouvirei com prazer. Lede.»

Camões abriu ao acaso o manuscripto que tinha nas mãos, e leu estas oitavas de uma ecloga, em que figuram os pastores Frondelio e Umbrano:

Frondelio.

Umbrano irmão, decreto é da natura,
Inviolavel, fixo e sempiterno,
Que a todo bem succeda desventura,
E não haja prazer que seja eterno:
Ao claro dia segue a noite escura,
Ao suave verão o duro inverno;
E se ha cousa que saiba ter firmeza
É sómente esta lei da natureza.

Toda alegria grande e sumptuosa
A porta abrindo vem ao triste estado:
Se um' hora vejo alegre e deleitosa,
Temendo estou do mal aparelhado.
Não vês que mora a serpe venenosa
Entre as flores do fresco e verde prado?
Ah! não te engane algum contentamento;
Que mais instavel é que o pensamento.

E praza a Deus que o triste e duro fado
De tamanhos desastres se contente;
Que sempre um grande mal inopinado
É mais do que o espera a incauta gente:
Que vejo este carvalho, que queimado
Tão gravemente foi do raio ardente,
Não seja ora prodigio que declare
Que barbaro cultor meus campos are!

Umbrano.

Em quanto do seguro azambujeiro
Nos pastores de Luso houver cajados,
Com o valor antiguo, que primeiro
Os fez no mundo tão assignalados:
Não temas tu, Frondelio companheiro,
Qu'em algum tempo sejam subjugados,
Nem que a cerviz indomita obedeça
A outro jugo qualquer que se lhe offereça.

E posto que a soberba se levante
De inimigos a torto e a direito,
Não crêas tu que a força repugnante
Do fero e nunca já vencido peito,
Que desde quem possue o monte Atlante
Adonde bebe o Hydaspes tem snjeito,
O possa nunca ser de força albeia
Em quanto o sol a terra e o céu rodeia.

Frondelio.

Umbrano, a temeraria segurança,
Que em força ou em razão não se assegura,
É falsa e vã; que a grande confiança
Não é sempre ajudada da ventura:
Que lá junto das aras da esperanza,
Nemesis moderada, justa e dura

Um freio lhe está pondo e lei terrível
Que os limites não passe do possível.

E se attentares bem os grandes damnos
Que se nos vão mostrando cada dia,
Porás freio também a esses enganos
Que te está figurando a ousadia;
Tu não vês como os lobos tingitanos,
Apartados de toda cobardia,
Matam os cães, do gado guardadores,
E não sómente os cães, mas os pastores!

Pois o grande curral, seguro e forte,
Do alto monte Atlas não ouviste,
Que com sanguinolenta e fera morte
Despovoado foi.

— «Basta!» clamou uma voz imperiosa, interrompendo o leitor; «basta!» repetiram os ecos á porfia, tombando de rocha em rocha, até se perderem ao longe.

— «Será uma prophécia o que acabas de ler? Estarás tu inspirado!» bradou D. Sebastião, aterrado do que ouvira; porque as lições do manhoso jesuita Luiz Gonçalves da Camara haviam assentado em seu coração, a par do destemor nativo, a pusillanidade da superstição. Camões jazia mudo no mesmo logar, com o livro entre-aberto; a Bernardes figurava-se-lhe ver um espectro; e os cortesãos, que chegavam attrahidos pelo som aspero da voz d'el-rei, pareciam estatuas mortuarias sobre tumulos de cavalleiros.

Houve um breve silencio; D. Christovão de Tavora o rompeu:

— «Senhor, disse o valido, o sol já vae baixo, e o conselho d'estado deve estar reunido.»

— «Sim, D. Christovão, vamos pela ultima vez escutar esses votos disparatados, e, mau grado d'elles, seguir com meu projecto ávante.»

— «Assim lhes mostrareis que sois soberano, e não escravo de seus caprichos,» murmurou uma voz de castelhano ao ouvido d'el-rei.

— «É o seu amor para commigo que os obriga a dissuadir-me d'esta empreza.»

— «Ou talvez inveja da gloria que ides alcançar commandando o exercito,» tornou a mesma voz; «pois que só elles se julgam bons capitães, porque governaram alguma fortaleza na India.»

— «Não conheceis os portuguezes, capitão Aldana; por isso fallaes assim.»

Um gesto desapprovador, que acompanhou estas palavras, fez emudecer o castelhano.

— «Partâmos,» disse o rei, «que nos esperam no paço.» E estendendo a dextra ao cantor das glorias do oriente (que lh'a inundou de lagrimas chegando-a aos labios) proseguiu:

— «Adeus, Luiz de Camões; tornar-nos-hemos a ver . . . ao menos quando voltar d'Africa.»

— «Ou no valle de Josaphat, senhor! . . .»

E o cortejo desceu a montanha.

(Continúa.)

F. M. BORDALO.

OS RUSSOS NO DECIMO SECVLO.

No ANNO 922 de Jesus Christo (310 da hegira) um arabe chamado Ahmed Ebn-Fozlan foi enviado como embaixador ao rei dos slavos ou bulgaros, que residia na cidade de Bulgar sobre o rio Itil (Volga).

A embaixada teve de fazer um grande rodeio para chegar áquella cidade, dirigindo o seu itinerario por Bokhara, Karisma, e pelo paiz dos Baskirs.

Ebn-Fozlan, já na sua marcha para Bulgar, já no

regresso para Bagdad, encontrou nas margens do Volga russos, que o commercio ali trouxera, e que eram ainda pagãos, mas tinham, segundo se presume, algumas luzes da arte de escripta. Ebn-Fozlan descreveu os costumes, superstições, commercio, n'uma palavra, todos os habitos sociaes dos russos. Esta memoria curiosissima não se encontra em nenhuma das bibliothecas da Europa; mas é em grande parte citada no dictionario geographico de Yacout, de que existem algumas copias, nomeadamente em Oxford e Leyde.

«As armas dos russos,» diz Ebn-Fozlan, «consistem em um machado, um punhal, e uma espada, que nunca largam. As mulheres trazem no peito uma caixinha de ferro, de cobre, de prata ou de ouro, segundo as posses de seus maridos; n'estas caixas ha um anel, no qual enfiam um punhal.

«Os russos ancoram as suas embarcações no Volga, e assim que saem em terra constroem grandes casas de madeira, onde se accommodam dez e algumas vezes vinte familias.

«A sua brutalidade e immundicie não podem exceder-se.

«Postes maiores ou menores, cravados no chão, e com a extremidade superior esculpida em fórma de figura humana, são as divindades que elles adoram e ás quaes offerecem pão, carne, cebolas, leite e bebidas espirituosas para alcançarem bons lucros nas suas mercadorias. Se o commercio affrouxa renovam-se e multiplicam-se as offerendas; se o resultado, pelo contrario, corrêponde ao seu desejo, immolam, em acção de graças, carneiros e vitellas. Se a carne d'estas victimas é devorada de noute pelos cães, ficam persuadidos de que os seus deuses lhes acceitaram o sacrificio, e consumiram o que lhes haviam consagrado.

«Quando algum d'entre elles adoce, levantam uma barraca longe das outras para onde o conduzem; e lá o deixam com uma ração de pão e de agua, sem que tratem de o soccorrer. Se se cura, regressa ao seio da sua familia; se morre, queimam-o junctamente com a barraca, menos que não seja um escravo; porque n'este caso deixam que o seu cadaver seja pasto das feras e das aves carnivoras.

«Os ladrões são enforcados em uma arvore; e ahí se conserva o seu cadaver até apodrecer.

«Ebn-Fozlan foi testemúnha dos funeraes de um maioral. N'estas ceremonias immola-se sempre um escravo (homem ou mulher) da casa do morto, e a maior parte das vezes são as mulheres que se offerecem a fazer o sacrificio da sua vida. A victima deve de feito offerecer-se voluntariamente; mas logo que dê o seu consentimento, recorre-se á força, se é necessario, para que se realise o sacrificio.

«O rei dos russos tem no seu palacio quatrocentos homens escolhidos entre os seus subditos mais distinctos, que devem morrer com elle, e defendel-o a todo o custo. Conserva-se sempre em um vasto estrado ornado de pedras preciosas, onde estão com elle quarenta mulheres. Os quatrocentos guardas estão assentados nos degraus do estrado.»

Ebn-Fozlan acrescenta a esta descripção algumas particularidades, que justificam a expressão de que el e se servira no principio: «Os russos são os homens mais immundos que Deus creou.»

BIBLIOGRAPHIA.

Fastos da Igreja — I — Vida de Jesus Christo, pelo sr. L. A. Rebello da Silva. 1854.

Acaba de sair á luz a segunda caderneta, e com

ella ficou concluido o 1.^o volume d'esta excellente obra. A nossa situação especial veda-nos fazer a tão notavel publicação o elogio merecido; e por isso nos limitámos a offerecer em seguida alguns trechos dos pareceres dos dignissimos censores ecclesiasticos, que vem juntos á obra, e que são um verdadeiro triumpho para o auctor.

Eis o que diz o reverendo conego Ferrão:

«Na leitura reflectida d'esta obra nada tenho encontrado, em que possa recair censura ecclesiastica; em tudo sim acho merecido o louvor. N'esta obra o illustrado auctor parece ter em vista satisfazer a uma grande necessidade do nosso pais no ponto de vista de progresso em leitura religiosa; e o plano encetado promette esta satisfação, que felizmente apparece realisada n'este primeiro tomo.

«Dar a ler as acções, que o christianismo tem archivado em seus fastos desde o Evangelho do Redemptor dos homens, e fazer uma descripção, em que o mundo profano appareça, para deixar ver o seu contraste em frente da religião, que tem por fim reconstruil-o para o moralisar, é o termo, a que se dirige esta obra, e que chegará a conseguir, se for concluida em harmonia com o seu começo.

«Além da elevação e belleza do estylo, com que o auctor sabe fazer esta obra sobre maneira agradável aos leitores, ella apparece em toda a analyse dos factos relatados cheia de uma força de idéas, que põe os leitores, muitas vezes n'um só lance de vista, a par assim de toda a expressão moral do facto, como da harmonia inteira, que o relaciona ao estado presente das vantagens da sciencia, e das exigencias da epocha...

«Na exposição dos factos o auctor guarda selecção feliz: a critica acompanha ahi o bom gosto. Resultado da lição reflectida, n'um periodo curto apresenta-se muitas vezes o quadro de uma longa epocha; e a sua apreciação philosophica supprime a narração minuciosa de particularidades, que costumam cansar e distrahir os leitores.

«A descripção acurada dos sitios, onde os quadros historicos foram representados, offerece aquellas variedades, que prendem as atenções, generalizando os conhecimentos; e que lisonjeiam o gosto pela amenidade.

«Finalmente a judiciosa distincção, que o auctor faz das fontes, d'onde tem extrahido as variadas noticias referidas na sua obra, tem-lhe facilitado o meio de apresentar sem perigo da critica, em seguida aos factos incontestaveis da historia, as pias crenças, e mesmo as tradições populares, que cumpre serem reconhecidas na sua propria cathogoria, para se não confundirem, só pela noticia vaga, com aquillo, que faz, propriamente dita, a veracidade da historia.

«Ao meu vêr, pois, muito tem a lucrar a instrução religiosa entre nós com a publicação dos *Fastos da Igreja*. O illustrado auctor revela-se animado das aspirações nobres, que a fé e a sciencia produzem no coração do homem durante o verdor da idade; elle não deixará de continuar a sua excellente obra em toda a ligação harmonica com os principios, que se tem proposto; a igualdade do primeiro tomo, que vae apparecer no publico, offerece d'isso a melhor prova.»

O reverendo prior o sr. Manuel Frazão não é menos franco em seu elogio. Eis como se exprime no parecer:

«Como a materia d'esta obra é sublime e elevada, apresenta o auctor tanta clareza na dicção, elegancia no estylo, pureza na doutrina e bons costumes, que quanto mais se lê, mais o espirito se deleita...

«Quem ler este primeiro tomo, em que se desenvolve o plano, que o illustrado auctor se propõe seguir, conhecerá, pela profundidade e solidez dos alli-cerces, quam magestoso e enriquecido de pedras preciosas ficará o edificio, quando chegue a concluir-se. Aqui não apparece a ostentação, porém sim manifestam-se as galas naturaes da sciencia historica e da critica philosophica do seculo, relatando os factos com uma analyse tão segura, que o espirito fica tranquillo sobre a sua veracidade.

«O que merece particular attenção, é o quadro, em que o auctor faz apparecer o estado do mundo antes da vinda do Messias. N'elle se pintam com vivas cores, em assumptos de religião e costumes, os desvarios do entendimento, ainda dos homens mais qualificados de verdadeiros sabios, a devassidão e toda a qualidade de crimes, a que o coração estava habituado, para servir de claro contraste á reformação geral, com que o Divino Redemptor havia de felicitar o genero humano.

«Pela mesma fórma, as descripções dos logares, onde se praticaram esses factos estrondosos, de que falla o texto sagrado do antigo e novo Testamento, para prova da divindade do principio religioso e moral, são traçadas com pincel tão habil e tanto ao natural, que mais parece estal-os vendo, do que descriptos no papel: por isso a sua leitura é suave e amena, bem semelhante ás aguas cristalinas que nascem das fontes puras, que desafiam e avivam o appetite.

«Escreve pois o auctor o primeiro tomo da obra, que pretende continuar (praza aos céus que nenhum inconveniente o afaste d'este justo e santo proposito para gloria de Deus e da sua Igreja, e proveito da sociedade) com vozes tão apropriadas, elegancias tão vivas, com phrase tão pura, tão rica e cheia de erudições, que cada palavra é uma joia, cada periodo um thesouro.»

Em vista do que fica extractado verão os leitores que a obra, pelo que respeita á parte doutrinal e dogmatica, nada deixa a desejar. Assim o declaram aquelles a quem pelo ordinario foi commettido o seu exame. Pelo que respeita á forma basta dizer que é escripta pelo sr. Rebello da Silva, e está pelo menos a par das obras da mesma penna que o publico mais tem apreciado.

Vende-se em Lisboa, na livraria do editor, rua do Ouro, n.^{os} 227 e 228, e na do sr. Lavado, rua Augusta, n.^o 8: nas provincias, ultramar e estrangeiro, em casa dos correspondentes do *Panorama*.

COMMERCIO DO GELO NOS ESTADOS UNIDOS.

Foi em 1805 que Frederico Tudor de Barton fez os primeiros ensaios do commercio do gelo. A guerra limitou as suas exportações á Martinica e á Jamaica. Em 1815 porém abriu relações com a Havana e Cuba. Em 1833 expediu Tudor o primeiro carregamento de gelo para as Indias orientaes. Hoje tem este commercio tomado um espantoso desenvolvimento.

Os carregamentos de gelo feitos em Boston, e expedidos para outros pontos da União, chegaram em 1853 a 43:125 toneladas! No mesmo anno a exportação do gelo para os paizes estrangeiros elevou-se a 17:900 toneladas, e deu emprego a 85 navios. As Indias orientaes, as ilhas do mar das Antilhas e do golfo do Mexico, Vera-Cruz, o Brazil, o Cabo de Boa Esperança e a propria Inglaterra foram os principaes pontos de consumo.